

INCLUSÃO E PROFESSORES: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS

INCLUSION AND TEACHERS: DISCURSIVE REPRESENTATIONS

Hanna Caroline Neyris Corrêa da Costa (UEMS)

Profa Dra Silvane Aparecida de Freitas (UEMS)

Profa Dra Doracina Aparecida de Castro Araújo (UEMS)

Resumo

O tema Inclusão tem-se destacado como uma forma revolucionária da educação, entende-se que analisar os discursos veiculados sobre este tema, contribui para elucidar certos aspectos que não são ditos (as entrelinhas) explicitamente, mas que direcionam a maneira de pensar e de agir da pessoa que os lê, já que quem escreveu tal artigo para a Revista tem sua história, sua ideologia, sua opinião formada sobre a temática e que influencia a maneira de pensar de quem lê tal reportagem. Partindo dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) e da educação inclusiva, pretende-se, a partir da análise do artigo “A escola que é de todas as crianças” do *site* da Revista Nova Escola, edição n.º 182, do mês de maio de 2005, de autoria de Meire Cavalcante, cuja temática é a educação inclusiva, entender os discursos veiculados sobre a temática, que ideias difundem, que representações o artigo da Revista sob análise veicula sobre inclusão. Portanto, na análise, conforme apregoado na manchete em questão, o termo inclusão, mediante a ação do professor, é capaz de transformar os modos de pensar e agir das pessoas com deficiência, esquecendo que, na realidade, as escolas estão deficientes em vários sentidos: estrutura física, pedagógicas e tecnológicas, falta investimento na formação de todos os envolvidos no processo ensino/aprendizagem, sendo que tudo isso interfere nos resultados do processo de inclusão, ou seja, para uma educação de maior qualidade. Não é somente a ação isolada do professor que trará resultados profícuos nesse processo.

Palavras-chave: Análise do discurso. Inclusão. Professores.

Abstract

The theme Inclusion has emerged as a revolutionary form of education, it is understood that analyze the discourses conveyed on this topic, helps to clarify certain aspects that are not said (between the lines) explicitly, but that drive the way we think and act of the person who reads it, since whoever wrote this article for the magazine has its history, its ideology, its opinion on the subject and that influences the way of thinking of those who read this report. Based on the theoretical assumptions of Discourse Analysis (DA) and inclusive education, it is intended, from the analysis of the article "The school is for all children" Site of New School Magazine, issue no. 182, the May of 2005, authored by Meire Cavalcante, whose theme is inclusive education, understand the discourses conveyed on thematic ideas that spread, that the representations of the journal article under review conveys about inclusion. Therefore, in the analysis, as proclaimed in the headline in question, the term inclusion, through the action of the teacher is able to transform the ways of thinking and acting of disabled people, forgetting

that in reality, schools are deficient in many ways: physical structure, pedagogical and technological, lack of investment in training everyone involved in the teaching / learning process, all of which affect the results of the inclusion process, ie for a higher quality education. Not only the isolated action of the teacher who will bring fruitful results in this process.

Keywords: Discourse analysis. Inclusion. Teachers.

Introdução

O âmbito educacional se caracterizou pela visão de uma educação em que a segregação e a omissão dos direitos das pessoas que não eram consideradas normais, deveriam ser educadas em instituições especializadas, nas classes especiais. Movimentos em prol de uma educação que garantisse o direito de todos à educação de crianças com ou sem necessidades educacionais especiais no ensino regular foram essenciais para o surgimento de uma nova política, a educação inclusiva.

Dessa forma, neste trabalho, partindo dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) e da educação inclusiva, pretendemos a partir da análise do artigo “A escola que é de todas as crianças” do *site* da Revista Nova Escola, edição n.º 182, do mês de maio de 2005, de autoria de Meire Cavalcante, cuja temática é a educação inclusiva, entender os discursos veiculados sobre a temática, que ideias difundem, que representações o artigo da Revista sob análise veicula sobre inclusão.

Como o tema Inclusão tem-se destacado como uma forma revolucionária da educação, analisar os discursos veiculados sobre este tema, contribui para elucidar certos aspectos que não são ditos (as entrelinhas) explicitamente, mas que direcionam a maneira de pensar e de agir da pessoa que os lê, já que quem escreveu tal artigo para a Revista tem sua história, sua ideologia, sua opinião formada sobre a temática e que influencia a maneira de pensar de quem lê tal reportagem.

Assim, não é nossa intenção, neste artigo, fornecer uma interpretação pronta e acabada sobre o assunto, mas tecer considerações sobre os possíveis sentidos que os enunciados em análise podem provocar no sujeito leitor.

1. Contribuições da análise do discurso

Antes de analisar os artigos, é fundamental o embasamento teórico que fundamenta o discurso e a análise do discurso, pois é a partir das contribuições de autores como Orlandi (1994, 1996, 2006), Cardoso (1999), Foucault (2006), que teremos o suporte teórico para o entendimento e a explicitação das produções textuais em análise.

Como o indivíduo não é um ser isolado, está em constante interação, apropria-se historicamente da cultura do outro e da sociedade em que vive, a linguagem torna-se fundamental, agindo como mediadora desse processo, no sentido de ação que modifica e transforma, e esta,

Ainda que pareça pseudonatural, uma vez que o produtor da linguagem não possui seu controle, ainda assim sua naturalidade não é natural nem sua arbitrariedade

arbitrária, pois encontra sua motivação na forma social, no sistema de produção a que pertença. (ROSSILANDI, 1975; ORLANDI, 1996, p. 25).

Dessa forma, a linguagem é descrita pela autora como um ato independente do indivíduo, mas que tem sua motivação na formação social, ou seja, a linguagem/discurso é constituída de relações externas e internas, como sua subjetividade e outras questões sociais, histórico-ideológicas.

Portanto, a linguagem age como mediadora entre os sujeitos e a realidade e “[...] deixa de ser vista apenas como instrumento externo de comunicação e de transmissão de informação, para ser vista como uma forma de atividade entre os protagonistas do discurso” (CARDOSO, 1999, p. 21). Assim, as pessoas quando têm acesso a um determinado discurso não o recebe passivamente, mas de forma ativa, podendo provocar uma ação social.

Para isso, é de suma importância entendermos que há diferenças entre língua, fala e discurso. Ao pensar em língua, é relevante destacar que ela pode apresentar quatro concepções: como sistema de signos e instrumentos externos de comunicação, expressão do pensamento, estrutura e sistema funcional. (CARDOSO, 1999).

A língua é apresentada como sistema de signos e instrumentos externos de comunicação (visão saussureana de língua), no sentido de que cada signo “[...] é constituído de um *significante* e de um *significado* e da relação arbitrária entre esses dois elementos”. (CARDOSO, 1999, p.15, grifos da autora). Assim, essa relação define o signo como algo dotado de conceito e de um significante (que significa) ou manifestação tônica do signo, e ao considerar a língua como fato social “[...] sua existência fundamenta-se nas necessidades de comunicação”. (CARDOSO, 1999, p.15). Essa concepção de língua rompe com a Gramática de Port-Royal, em que a linguagem era vista como expressão do pensamento, ao partir da hipótese de que a “[...] linguagem é racional, porque os homens pensam conforme as mesmas leis e que a linguagem expressa esse pensamento”. (CARDOSO, 1999, p.16).

Para Saussure, a língua se diferencia da fala e ambas do discurso, “A língua é comparável a um jogo: compõe-se de peças (elementos constitutivos) e de regras. As peças são isoláveis, cada qual dotada de um sentido e articuladas segundo um código”. (*apud* CARDOSO, 1999, p.18). A língua é vista como estrutura, dotada de regras, de regularidades.

Outro aspecto é a língua como um sistema funcional, em que a língua é considerada, repensada, ao mesmo tempo, como estrutura e função, código e mensagem. (CARDOSO, 1999). Assim, pode-se dizer que a língua como estrutura, constitui-se de regras, faz parte do sistema de signos, “[...] mas como funcionamento, a língua se transforma em discurso, que é fenômeno temporal da troca, do estabelecimento, do diálogo, é a manifestação interindividual da enunciação, é o seu produto”. (CARDOSO, 1999, p.22). Desse modo, a língua como um sistema funcional passa a ser fundamentada nas necessidades, na comunicação, na língua em uso, no exercício social da linguagem.

Segundo Cardoso (1999), ao evidenciar o discurso como terceiro elemento, há a diferenciação da língua e da fala, pois “[...] ao mesmo tempo em que a linguagem é uma entidade formal, constituindo um sistema, é também atravessada por entradas subjetivas e sociais” (CARDOSO, 1999, p.21). Dessa forma, o discurso não é espontâneo como a fala, nem se fundamenta em regras, mas é motivado por fatores externos e internos, como fatores sociais, históricos, psíquicos, ideológicos, culturais.

Para Foucault o discurso é “[...] como um jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e esquiva, e também de luta”. (2006, p. 22). Assim, o discurso reflete como também refrata, influenciando outros discursos, incorporando novas ideologias, sendo destacado por Foucault (2006, p. 22) como “[...] o espaço em que o **saber** e o **poder** se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente.”

Mediante essas explicitações sobre o discurso, “[...] vemos a Análise do Discurso como uma região privilegiada, porque o discurso pode ser visto justamente como a instanciação do modo de se produzir linguagem, isto é, no processo discursivo se explicita o modo de existência da linguagem que é social”. (ORLANDI, 1996, p. 26). Portanto, o discurso não pode ser caracterizado apenas como transmissão de informações, pois o contexto histórico-social, os interlocutores, a situação é determinante para a produção dos sentidos.

Para tanto, “[...] a Análise de Discurso considera que o sentido não está já fixado *a priori*, como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um: há determinação histórica do sentido”. (ORLANDI, 1994, p.56). Sendo assim, a negação da historicidade na análise do discurso torna-o sem sentido, ou seja, a partir do momento que se nega a história, ficam apenas um amontoado de palavras, pois, o discurso, se fundamenta nas relações sociais. Dessa forma, a autora ressalta as formas de produção do imaginário coletivo, as quais estabelecem diferentes sentidos.

Quanto ao social, não são os traços sociológicos empíricos — classe social, idade, sexo, profissão — mas as formações imaginárias que se constituem a partir das relações sociais que funcionam no discurso: a imagem que se faz de um pai, de um operário, de um presidente, etc. Há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sociologicamente descritível para a posição dos sujeitos discursivamente significativa. (ORLANDI, 1994, p. 56).

Assim, segundo Pêcheux (apud ORLANDI, 1996, p.26), “[...] há nos mecanismos de toda formação social regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações dessas situações no interior do discurso”. Nesse contexto, as representações estão interligadas às situações concretas, por meio das interações entre os indivíduos e isso faz parte da significação.

A noção de sentidos é dependente da formação discursiva, dos contextos histórico-sociais, da ideologia entre os sujeitos interlocutores. Para Orlandi (1996, p. 27),

Há uma seleção em relação aos meios formais que uma língua oferece, seleção feita pelo falante que vai delimitando o que diz e, conseqüentemente, tudo o que seria possível dizer. Porém o sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual: há uma forma social de apropriação da linguagem em que está refletido o modo como ele o fez, ou seja, sua ilusão de sujeito, sua interpelação feita pela ideologia.

Em relação à educação, destacando a inclusão, pode-se perceber que dependendo do grupo social que o indivíduo pertence isso provoca divergências de pensamento, diferentes discursos são encontrados devido à formação imaginária de cada sujeito, devido ao imaginário social de cada um, como quem participa de movimentos inclusivos tendem a defender a inclusão, enquanto, outros grupos podem defender a segregação da pessoa com deficiência,

demonstrando preconceito. Nesse sentido, “As formações discursivas são formações componentes das formações ideológicas e que determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada”. (ORLANDI, 1996, p. 27).

No entanto, a relação do mundo com a linguagem “[...] não é direta, mas *funciona* como se fosse, por causa do imaginário”. Ou, como diz Sercovich (1977), “[...] a dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade” (ORLANDI, 1994, p. 57, grifos da autora). Assim, como o discurso é motivado pelo social, o seu significado, sentido estará no contexto histórico vivido pelos leitores. Para a autora não se trata de datas cronológicas, mas de como os sentidos são produzidos, pois “Essa relação com a história mostra a eficácia do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas”. (ORLANDI, 1994, p. 57).

2. Análise da manchete do artigo “a escola que é de todas as crianças”

O processo educacional está em constante transformação para atender as leis educacionais vigentes. Movimentos e reivindicações visando a uma educação igualitária e de qualidade, com princípios de acesso e permanência de crianças com ou sem necessidades educacionais especiais no ensino regular foram determinantes para a política da educação inclusiva, a qual valoriza a diversidade humana, garante o direito de todos à educação de qualidade, equidade e ao atendimento educacional especializado. Para tanto, é necessário compreender que

Para uma educação escolar inclusiva bem-sucedida, Thomas e colaboradores (1998) recomendam que se atente às seguintes recomendações: coordenação de serviços, colaboração do pessoal, sistemas financeiros que direcionam fundos a partir de um provisionamento segregacionista para um inclusivo, ação positiva na promoção de relações sociais e comprometimento com a frequência escolar no bairro de todas as crianças. (PACHECO, 2007, p. 15).

Assim, pode-se entender que a inclusão é um processo que precisa de mobilização coletiva, participação de todos, ambiente acolhedor, envolvimento da comunidade escolar, dos familiares, maleabilidade, adaptação e flexibilização de currículos, capacitação de professores, gestores e dos outros profissionais envolvidos, além de disponibilizar recursos financeiros e tecnológicos.

Ao verificar os artigos no *site* da *Revista Nova Escola*, uma revista produzida para docentes, com planos de aulas, estratégias e vários artigos relacionados à educação, o foco foi os artigos com a temática inclusão, e, nestes, pode-se observar que, no geral, são informações de como lidar com alunos com necessidades educacionais especiais, com técnicas e estratégias para ensiná-los, além das manchetes ressaltarem a participação do professor como essencial para a inclusão, também utilizam a inclusão como meio de promover a cidadania e a solidariedade. No entanto, analisaremos apenas uma manchete, a do artigo “A escola que é de todas as crianças”, o qual destaca que:

A inclusão cresce a cada ano e, com ela, o desafio de garantir uma educação de qualidade para todos. Na escola inclusiva, os alunos aprendem a conviver com a

diferença e se tornam cidadãos solidários. Para que isso se torne realidade em cada sala de aula, sua participação, professor, é essencial. (CAVALCANTE, 2005, n.p.).

Vale ressaltar que para Orlandi (2006, p. 09)

Há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos ‘formações imaginárias’ em análise do discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige.

Dessa forma, há no processo de interação da leitura uma relação entre o leitor virtual (autor) e o leitor real, pois “O leitor não interage com o texto (relação sujeito/objeto), mas com outro(s) sujeito(s) (leitor virtual, autor etc.)”. (ORLANDI, 2006, p. 09). No trecho em análise, fica claro que o discurso é direcionado ao professor, sobretudo, devido ao uso do vocativo “professor” na última linha da citação. Isso com a função de mobilizar o professor para que cumpra o seu papel de ator responsável pela inclusão, evidenciando sua responsabilidade, além de insinuar que com a inclusão, haverá a resolução de todos os males do ambiente escolar. É importante ressaltar que não é função desse trabalho a interpretação única e verdadeira do texto sob análise, mas a compreensão do discurso que se manifesta na produção analisada, já que a compreensão é a “explicitação do modo como o discurso produz sentidos”. (ORLANDI, 1994, p. 58).

Na manchete em análise, ao ressaltar a importância da participação do professor para que os alunos sejam mais cidadãos e solidários por meio da inclusão, mostra que o professor é fundamental para o processo de inclusão, mas para a efetivação, muitas coisas precisam ser modificadas, conceitos revistos, a filosofia da escola tem que ser analisada, os currículos, os métodos, dessa forma, o professor é apenas uma peça no sistema e para o processo inclusivo é necessário que todas as peças se encaixem.

Ao focar o discurso no professor, de forma que ele, como educador, precise lutar para que a inclusão aconteça, ou seja, tenha o papel de militante único, também de imposição, percebe-se o jogo de omissões, pois outros segmentos também têm a responsabilidade em promover a inclusão, como os gestores, coordenadores, profissionais administrativos, os governantes, a comunidade do bairro e os familiares.

É importante lembrar as formas de produção no imaginário coletivo, os quais funcionam como discurso das relações sociais, assim, a palavra professor que é atribuída a formador e educador, ganha outro sentido, o de ator responsável pela inclusão. No entanto, é necessário ressaltar que os discursos produzidos são organizados e selecionados, tendo ligação com o desejo e com o poder, pois “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder o qual nos queremos apoderar”. (FOUCAULT, 2006, p. 10).

No artigo “O espelho em cacos: análise dos discursos imbricados na questão da inclusão”, Anjos (2011) procura resumir sua tese de doutorado, nele, ela investiga os modos de funcionamento dos discursos governamental, escolar e acadêmico em relação à inclusão, ao analisar o livro de formação de professores “Saberes e Práticas da inclusão”, que foi trabalhado em todas as redes municipais e estaduais do Brasil, assim, ela destaca que

O lugar de interlocutor, que aparece no discurso oficial, encontra eco nas falas dos professores no que se refere à vigilância necessária para que o Estado cumpra suas obrigações, mas não no que se refere à formação: o momento de formação é descrito como situação de aprendizagens de novas técnicas e formas de lidar com o aluno, não de elaboração de proposições para renovar o debate educacional. O professor evidencia certas ilusões a respeito de seu lugar como militante (tomando a inclusão como missão pessoal), mas tais ilusões não se reproduzem em sua noção da relação com o governo: ele chega a se colocar no lugar deste, reserva-lhe no discurso um lugar de provedor, de educador, cobra dele esse papel, mas não prevê um diálogo produtivo com ele no que se refere à dimensão sócio-educacional. (ANJOS, 2011, p.10).

Mediante o exposto, pode-se notar que o discurso encontrado na manchete analisada é o mesmo dos cursos de formação de professores para a inclusão, os quais ressaltam situações de aprendizagem de técnicas e estratégias de como trabalhar com o aluno, sendo omissos em proposições que levem o professor a refletir e a pensar na sua prática de forma transformadora da sociedade, evidenciando o que Foucault (2006, p. 08-09) afirma:

[...] em qualquer sociedade a produção dos discursos é controlada, selecionada, organizada e distribuída por um certo número de procedimentos (de exclusão, de classificação, de ordenação e distribuição, de rarefação dos sujeitos falantes), os quais têm por objeto ‘conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade’.

Ao propagar o mesmo discurso, referente ao professor e a inclusão, permite-se a dominação, a imposição, em relação ao que o professor pensa, no seu modo de agir, estabelecendo as relações de poder. Para Orlandi (1996, p. 26), “[...] faz parte da estratégia discursiva prever, situar-se no lugar do ouvinte, antecipando representações, a partir de seu próprio lugar de locutor, o que regula a possibilidade de respostas, o escopo do discurso”.

Outro aspecto que chama atenção é que “Na escola inclusiva, os alunos aprendem a conviver com a diferença e se tornam cidadãos solidários”. Nesse trecho, o conceito de inclusão aparece como transformador, com a capacidade de influenciar os modos de pensar e agir dos indivíduos, e, portanto, o professor é o responsável por promovê-la. No entanto, para Anjos (2011, p. 12), esse conceito que modifica e transforma age também “[...] como mecanismo de ocultação das relações de poder, ou militância, ou imposição, ou como prática educativa, em cada discurso”. Ao mesmo tempo, que atribuem ao professor a responsabilidade da inclusão, há a omissão e a imposição de outros segmentos que deveriam estar envolvidos ou serem representantes da inclusão escolar.

Assim, por meio da análise do discurso, podemos verificar os sentidos produzidos pelo texto, os efeitos de sentidos provocados entre os interlocutores, a relação entre o leitor virtual e real, a qual “[...] sempre se dá entre homens, são relações sociais; eu acrescentaria, históricas, ainda que (ou porque) mediadas por objetos (como o texto).” (ORLANDI, 2006, p.09). No nosso caso, pela manchete da Revista Nova Escola sob análise.

Destarte, ao se pensar em uma escola que é de todos e para todas as crianças, deve-se compreender que a inclusão não prevê apenas a utilização de técnicas e estratégias de ensino/aprendizagem, mas o respeito pela capacidade e potencialidade de cada um, além de ser fundamental o envolvimento de toda a comunidade escolar, os familiares, os

representantes do governo, outras áreas como da saúde, da assistência social, com o suporte necessário, assim, cabe a todos nós promover e ser os responsáveis pela a inclusão, priorizando um ensino de qualidade para todos.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos afirmar que os discursos são formados pelo social e dependem do grupo que os indivíduos ocupam, dessa forma a compreensão, segundo a análise do discurso, está na interpretação do não dito, a relação do contexto histórico, as ideologias, e de fatores internos, psíquicos, que influenciam na formação do imaginário, ou seja, uma palavra pode ter diversos sentidos, dependendo do ponto de vista do leitor.

A análise realizada neste trabalho permitiu compreender as ideologias que não estão explícitas no texto, mas que ao relacionarmos com as condições de produção, verifica-se que outros sentidos são evidenciados no texto, por meio do contexto vivido. Na manchete analisada *a priori*, não se identifica as ideologias que fundamentam esses argumentos, sendo a análise fundamental para a compreensão mais profunda, o entendimento do não dito.

Dessa forma, a manchete em análise, permitiu compreender como são produzidos os discursos, e que estes estão tão impregnados de ideologias, não sendo possível identificá-las *a priori* por meio de uma leitura superficial, mas por meio de uma reflexão mais profunda sobre os enunciados, levando em conta o contexto sócio-histórico-ideológico.

Assim, com a manchete analisada fica claro que os sentidos produzidos evidenciam o professor e a inclusão como essencial para uma educação de qualidade. Mediante essa afirmação, são disponibilizadas técnicas e estratégias para lidar com o aluno que tenha alguma deficiência, direcionam o discurso diretamente ao professor, seu interlocutor em potencial, o que potencializa a função do professor como único ou principal militante desse processo. Portanto, em nossa análise, conforme apreendido na manchete em questão, o termo inclusão, mediante a ação do professor, é capaz de transformar os modos de pensar e agir das pessoas com deficiência, esquecendo que, na realidade, as escolas estão deficientes em vários sentidos: estrutura física, pedagógicas e tecnológicas, falta investimento na formação de todos os envolvidos no processo ensino/aprendizagem, sendo que tudo isso interfere nos resultados do processo de inclusão, ou seja, para uma educação de maior qualidade. Não é somente a ação isolada do professor que trará resultados profícuos nesse processo.

Desse modo, este artigo se destina aos profissionais envolvidos com a educação, principalmente a professores, que queiram entender os discursos produzidos em relação à temática inclusão e ao seu papel frente à educação inclusiva.

Referências bibliográficas

- ANJOS, H. P. **O espelho em cacos**: análise dos discursos imbricados na questão da inclusão. Disponível em: <http://www.ufpa.br/campusmaraba/index/cache/publicacoes/hildete_faced_5.pdf>. Acesso em: 11 mar. de 2011.
- CARDOSO, S. H. B. **Discurso e ensino**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CAVALCANTE, M. A escola que é de todas as crianças. **Revista Nova Escola**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/inclusao/educacao-especial/escola-todas-criancas-424474.shtml>> Acesso em: 15 jan. de 2011.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Revista em Aberto**, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

_____. **Domínio da linguagem e seu funcionamento**. Campinas: Pontes, 1996.

PACHECO, J. *Caminhos para a inclusão: um guia para o aprimoramento da equipe escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2007.